

O papel do jornalismo internacional na atualidade: Uma análise da cobertura internacional do jornal *Folha de S. Paulo* sobre o Governo Trump¹

Ana Luiza Fonseca Guimarães ASSIS²

Ana Carolina GOMES³

Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, MG

RESUMO: Este trabalho visa a realizar um estudo de caso do jornalismo internacional praticado pelo jornal *Folha de S. Paulo*, tomando como recorte dez notícias publicadas sobre Donald Trump, atual presidente dos Estados Unidos da América. As análises foram feitas a partir das relações internacionais/políticas envolvendo o governo. A pesquisa está centrada na análise do conteúdo das notícias, nas fontes acionadas, que são, em alguns casos, as agências de notícias e, em outros, correspondentes da *Folha*, além de matérias da editoria “Mundo”, que são produzidas dentro do escritório do jornal em São Paulo. Além disso, os critérios de noticiabilidade e a visão que é construída dos EUA no governo Trump também serão analisados, por meio das categorias do quadro metodológico da Análise Crítica do Discurso, de acordo com Fairclough (2001).

Palavras-Chaves: Jornalismo Internacional, Análise Crítica do Discurso, Agências de Notícias, Relações Internacionais, Donald Trump.

1. INTRODUÇÃO

A comunicação, segundo Thompson (2008), é uma atividade social que envolve produção, transmissão e recepção de formas simbólicas e demanda o uso de diferentes tipos de recursos. Tem como uma das instâncias privilegiadas a imprensa que atua na cobertura e transmissão dos fatos e acontecimentos. No âmbito jornalístico, o jornalismo internacional é uma das especializações da profissão. “Tudo que é doméstico ou natural em um país, é internacional em todos os demais” (NATALI, 2011). Esse fato faz com que o internacional seja uma das áreas jornalísticas que mais abrangem temas. O jornalista internacional precisa ter o domínio de assuntos como política, economia, cultura, e se manter informado sobre qualquer coisa que aconteça fora de seu país de origem.

Natali (2011) conta como funciona a editoria “Mundo” em uma grande redação. Todavia, o jornalismo internacional está em xeque, já que hoje as notícias são pautadas pelas Agências de Notícias e os grandes veículos não mantêm mais uma equipe de correspondentes espalhados pelo mundo. As agências são empresas que têm como principal objetivo vender a sua notícia através da difusão de informações de um país para

¹Trabalho apresentado na IJ 8 do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

²Graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de São João del-Rei. E-mail: analuizafons@gmail.com.

³Coautora: Graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de São João del-Rei, participou do projeto de iniciação científica “Mídia e manifestações políticas: A cobertura jornalística sobre as manifestações contrárias aos governos Dilma e Temer” no período de março de 2017 a fevereiro de 2018. E-mail: ac-resende@hotmail.com

outros veículos de comunicação. Entre elas, podem ser citadas a Reuters, a Associated Press (AP), a Agência France-Press (AFP) e a BBC. É difícil que uma matéria não demonstre um posicionamento, ponto de vista ou ênfase no que é de maior interesse para a sua perspectiva ideológica ou da região de origem, por exemplo. Para que isso não aconteça, é necessário realizar um balanço e uma pesquisa dentro da redação que elimine, o máximo possível, as ideologias presentes nas matérias, já que a imparcialidade total ainda é um desafio do jornalismo.

Considerando o papel do jornalismo internacional e dentre os jornais impressos e digitais brasileiros, a *Folha de S. Paulo* foi o veículo que mais demonstrou atenção com as pautas internacionais a ponto de ter uma editoria voltada, exclusivamente, para tais assuntos, denominada “Mundo”.

Levando em conta centralidade da informação e como a comunicação intermedeia as relações políticas internacionais, no trabalho é analisada, de forma sistematizada, uma seleção de notícias da *Folha de S. Paulo*, para uma compreensão mais aproximada, que levará em consideração, prioritariamente, as práticas discursivas e sociais do veículo.

De acordo com Norman Fairclough (2001, p. 275), práticas discursivas são os processos de produção, distribuição e consumo do texto, que são processos sociais relacionados a ambientes econômicos, políticos e institucionais particulares, e práticas sociais são os aspectos hegemônicos e ideológicos contidos no discurso a ser analisado. Tais conceitos servirão de base para as análises adiante, pois permitirão perceber com mais detalhes as questões que não estão na superfície da linguagem da mídia, mas às vezes nas formas de se usar, nas fontes, no vocabulário utilizado, entre outros aspectos.

2. Jornalismo Internacional e as Agências de Notícias

Natali (2011) especifica quais são as características de uma editoria internacional e como um profissional deve se portar, selecionando as informações mais relevantes para o seu país de origem. Segundo o autor, quem decide seguir tal profissão deve ter atenção a aspectos como: quem pode reclamar da notícia publicada; deve dominar pelo menos três idiomas, já que as fontes podem vir de qualquer lugar do mundo; e,

considerada a mais importante pelo autor, o jornalista deve saber sobre história, para poder contextualizar o que ele está escrevendo sobre.

Os grandes veículos de comunicação recorrem a correspondentes internacionais para veicular uma matéria com exclusividade. Quando não é possível o furo noticioso, eles buscam as agências de notícias que têm um papel indiscutível no jornalismo atual. Os profissionais do jornalismo enfrentam algumas dificuldades na hora de montar uma notícia, além de ter que seguir certas regras impostas pelos próprios veículos, ou seja, têm que respeitar a linha editorial, o público-alvo, dentre outros. Mas, segundo Natali, a palavra censura é usada de forma errônea em alguns casos internacionais, quando a palavra certa a ser usada seria seleção.

Há alguns anos, muita gente discorreria com certa levianidade sobre a “censura” praticada pelo jornalista, por conta própria ou para agradar ao dono do jornal. Não é bem assim. Censura é um termo muito forte e, no caso, inapropriado. A seletividade implica hierarquizar para escolher, deletar ou jogar no cesto de lixo eletrônico coisas que sejam circunstancialmente menos importantes (NATALI, 2011, p.11)

Segundo Natali (2011), existe uma diferença entre o correspondente internacional e o enviado especial. O correspondente tem residência fixa em algum país, capitais na maioria das vezes, e tem o dever de enviar matérias regularmente sobre o país em que está situado ou, em alguns casos, de um continente inteiro. O enviado especial, quando vai cobrir algum país, tem a missão de fazer a cobertura de algum assunto previamente combinado ou algo inusitado. Em ambos os casos, as agências de notícias podem ser determinantes.

Natali ainda conta que algumas notícias têm prioridade na editoria. Por exemplo, guerras são importantes, apesar da importância variar de acordo com o lugar onde elas acontecem. Outra pauta frequente são eleições em países vizinhos ou com grande influência. Tragédias inesperadas e grandes epidemias também entram na lista prioritária.

Segundo o autor, outra barreira enfrentada pelas notícias internacionais é a acessibilidade, que deixa de ser um fator somente geográfico. Há países em que a obtenção de uma informação para consumo externo continua sendo problemática, principalmente se envolvem a política interna. Hoje, o melhor exemplo é o governo de Kim Jong-un, da Coreia do Norte, no qual, segundo matéria do portal online da revista *Exame* “há uma severa proibição” quanto a “divulgar publicações estrangeiras”, uma vez que “somente as informações aprovadas pelo regime são autorizadas, e nelas o

governo tenta passar a ideia de que o país corre o risco de ser invadido pelos Estados Unidos, o que justificaria o desenvolvimento de um arsenal nuclear para proteger-se”.

Manter um correspondente internacional não é barato. Para que o veículo pudesse reduzir os custos, era preciso criar algo que organizasse a transmissão das informações e que possibilitasse o ganho maior de notícias. Com esse objetivo surgiram as agências de notícias, que recolhem e enviam notícias em escala global.

Atualmente, as agências investem em tecnologia, correspondentes, análises, cobertura de eventos internacionais, representando grandes conglomerados de comunicação que possuem como estrutura várias empresas em diversos setores, do jornalismo ao entretenimento, e com isso representando, muitas vezes, o país de origem das agências (VIANA & LIMA, 2013, p.5).

Segundo Viana e Lima (2013), as agências possuem colaboradores em sedes e escritórios espalhados pelo mundo, que enviam notícias para as redes centrais e as distribuem para os diversos veículos. O uso frequente das notícias vindas das agências acaba homogeneizando o texto. Faz com que ter um correspondente em outro país, mesmo que seja caro, torne-se um diferencial para o jornal, já que ele vai ter um olhar distinto sobre o fato e oferecer algo que as agências não teriam.

Mello (2006), em estudo comparando os dois jornais impressos de maior circulação no Brasil, concluiu que ambos buscam as agências de notícias para alimentar a editoria internacional. Porém, no noticiário do *Estado de São Paulo*, essa utilização é maior, com a reprodução na íntegra de notícias de jornais estrangeiros e o número reduzido de correspondentes. Já na *Folha de S. Paulo*, a maior parte das reportagens são produzidas nas redações brasileiras ou por correspondentes.

Natali (2011), por sua vez, afirma que a internet revolucionou o “fazer” jornalismo internacional. O jornalista já não é mais tão dependente das agências. Agora ele tem um poder de intervenção pessoal na construção de um texto noticioso. As agências não podem pensar em seus clientes e a notícia deve ser construída de forma abstrata, uma vez que “esse cliente pode ser uma emissora de rádio da Tailândia, uma revista semanal da Bélgica ou um jornal diário do Brasil” (NATALI, 2011, p. 57).

Em “Além das Fronteiras: uma breve reflexão sobre a trajetória do Jornalismo Internacional”, Viana e Lima tratam da importância da editoria internacional e discutem o surgimento das agências de notícias e como elas revolucionaram o jornalismo.

O jornalismo internacional é uma das diversas variações da prática jornalística. Sua especialidade está em cobrir eventos noticiosos em diferentes lugares do globo, para uma população local que não tem acesso físico ou conhecimento geopolítico e cultural, com os fatos ocorridos em um país estrangeiro. (VIANA & LIMA, 2013, p.2)

Segundo o texto, a ascensão de novas tecnologias contribuiu para o avanço dessa especialização do jornalismo, já que possibilitou a rápida transmissão de notícias entre os países. É exorbitante o número de matérias que a editoria internacional recebe diariamente, e os jornalistas utilizam vários critérios para selecionar o que é ou deixa de ser importante.

Viana e Lima recorrem aos argumentos de Mauro Wolf (1985) para definir os critérios de noticiabilidade. Wolf divide os valores/notícia utilizados pelos jornalistas em quatro grandes grupos: conteúdo, disponibilidade de material, público e concorrência. O primeiro engloba quatro critérios que definem o quão interessante e importante é um acontecimento. De acordo com Wolf, para se constatar a importância de uma notícia, deve-se observar o grau hierárquico dos envolvidos. O segundo critério analisa qual o impacto que a notícia terá sobre a nação, levando em consideração também a proximidade geográfica e cultural do evento com relação ao local onde será publicada. O terceiro critério diz que a importância se refere ao número de pessoas envolvidas no evento. O quarto e último critério define que a importância de uma notícia será maior se ela contribuir para o desenvolvimento posterior de uma situação.

O surgimento das novas tecnologias inovou o jornalismo internacional principalmente pela facilidade de interação entre as pessoas e os veículos. Além disso, com o surgimento da hipertextualidade, várias notícias sobre um mesmo assunto ou país podem ser acopladas em uma notícia principal, por meio dos links. Outra característica importante é a possibilidade do uso de diferentes mídias na mesma notícia, por exemplo, mídias de áudio e de vídeo. Viana e Lima (2013) concluem, ao final do artigo, que não existem muitas referências acadêmicas sobre o jornalismo internacional e a sua prática, somente o necessário para que fosse feita uma breve reflexão. Em 2018, o jornalismo internacional ainda não é uma área tão usada como tema acadêmico em artigos ou livros.

Denise de Mello (2006) analisou, durante doze dias, os jornais *Folha de S. Paulo* e o *Estado de S. Paulo*. Em análise comparativa, Mello conclui que ambos os jornais buscam reafirmar a hegemonia americana em suas matérias. Segundo ela, a diferença

notada é o posicionamento de cada um deles: “apenas fica clara a posição adotada pelos periódicos na cobertura nacional que é uma linha mais de esquerda para a *Folha de S. Paulo* e mais de direita para o *Estado de São Paulo*” (MELLO, 2006, p. 20).

De acordo com Fairclough (2001), a análise das práticas sociais de uma instituição incide, dentre outros aspectos, sobre elementos que caracterizam o posicionamento político e ideológico, e categorizações como ‘esquerda’, ‘direita’, e ‘centro’, se comprovados de fato numa análise autêntica. Na análise que faremos das publicações da *Folha de S. Paulo* sobre a eleição de Trump, retomaremos a interpretação de Mello ao analisarmos o posicionamento do jornal. Concluindo o seu estudo, Mello mostra que a população brasileira que tem acesso à mídia impressa sofre forte influência americana em todos os assuntos, dando destaque para a divulgação das opiniões do governo dos EUA sobre os mais variados temas, econômico, cultural e até científico. “A maior prova disso é o grande volume de informações que chega até os leitores relacionadas aos Estados Unidos. Não são apenas matérias favoráveis àquele país, mas também desfavoráveis, o que nos remete ao ditado popular: “Falem bem ou mal, mas falem de mim”” (MELLO, 2006, p.22). A análise mostra que pode haver uma conveniência para que os jornais publiquem maciçamente notícias dos Estados Unidos.

3. Teoria Social do Discurso

Segundo Resende e Ramalho (2009), a Análise Crítica do Discurso visa a promover a desconstrução ideológica de textos que integram práticas sociais e interferem de algum modo na sociedade, a fim de desvelar relações de dominação. Além disso, a sua abordagem “crítica” implica a necessidade de intervir socialmente para produzir mudanças que favoreçam àqueles que estejam em situação de desvantagem. Para isso, a ACD insere-se, primeiro, em uma visão científica de crítica social, segundo, no campo da pesquisa social e, terceiro, na teoria e na análise linguística e semiótica.

Fairclough (2001) pontua que a Análise Crítica do Discurso pode ser aplicada em diversas atividades, desde uma pequena ação até uma manifestação social, pois ela concede dispositivos para avaliar situações discursivas em aspectos variados e não somente em questões específicas. Questões gramaticais, sintáticas, semânticas, contextuais, elementos visuais, entre outras, podem ser analisados conjuntamente, permitindo o estabelecimento de análises mais complexas sobre essas situações.

O autor propõe que o discurso seja analisado em três dimensões: prática discursiva, prática social e texto. Analisando tais dimensões, podemos compreender melhor as reais intencionalidades, posicionamentos e tentativas de manipulação da mídia. Elas podem ser eficazes na análise de qualquer tipo de produtos de comunicação: publicidades, portais online, cartazes, documentos oficiais ou acadêmicos e, no caso do presente trabalho, as notícias.

Como prática discursiva entende-se os processos de produção, distribuição e consumo do texto, que são processos sociais relacionados a ambientes econômicos, políticos e institucionais particulares. A natureza da prática discursiva é variável entre os diferentes tipos de discurso, de acordo com fatores sociais envolvidos. A prática discursiva é mediadora entre o texto e a prática social, segundo Fairclough (2001). Ainda dentro das práticas discursivas, podemos incluir características como contexto, força, coerência e intertextualidade.

Segundo Fairclough, as práticas sociais são entendidas como os aspectos hegemônicos e ideológicos contidos no discurso a ser analisado. Em hegemonia, podemos observar aspectos como fatores econômicos, políticos, culturais e ideológicos. Já na categoria de aspectos ideológicos, os fatores a serem identificados são o estilo do discurso, as metáforas que estão sendo utilizadas, o sentido das palavras e as pressuposições que estão sendo feitas. Já o texto seria a forma como as orações são estruturadas e como o discurso é construído. Para analisar o texto, podemos observar aspectos como gramática, coesão e vocabulário.

4. Estudo de Caso

4.1 Metodologia

Entre os jornais analisados, a *Folha de S. Paulo* foi selecionada por ter uma ampla cobertura internacional e ser o veículo impresso de maior circulação no país. Para efeito de uma análise mais aproximada e, levando em consideração as tensões internacionais que têm sido protagonizadas pelo governo americano e o local de onde elas vieram, sendo elas as agências de notícias, os correspondentes internacionais do veículo e a sede da *Folha*, foram selecionadas 10 matérias publicadas pelo veículo - todas disponibilizadas na íntegra em anexo - nesse primeiro ano de governo de Donald Trump, são elas:

Notícia 1 – Donald Trump assina novo decreto anti-imigração e poupa iraquianos⁴

Notícia 2 – Trump anuncia retirada dos EUA de acordo de Paris⁵

Notícia 3 – Senado dos EUA aprova novas sanções contra Rússia, Coreia do Norte e Irã⁶

Notícia 4 – Trump diz que não descarta uma opção militar contra a Venezuela⁷

Notícia 5 - Trump anuncia que está cancelando acordo de Obama com Cuba⁸

Notícia 6 –D. Trump sugere pôr placas solares para barrar muro com o México⁹

Notícia 7 – Estados Unidos e Rússia projetam nova ‘Guerra Fria’¹⁰

Notícia 8– Estados Unidos anunciam que vão deixar a Unesco em dezembro¹¹

Notícia 9 - Trump promete armar Japão contra Coreia do Norte¹²

Notícia 10 – Governo Trump anuncia fim de asilo temporário para haitianos¹³

4.1 Procedimentos Metodológicos

Para análise dos textos selecionados da *Folha de S. Paulo*, serão utilizadas algumas categorias do quadro metodológico de Fairclough sobre a Análise Crítica do Discurso, que perpassam os âmbitos das práticas discursivas, das práticas sociais e dos aspectos da análise de textos. A Análise Crítica do Discurso é uma teoria e método que ajuda a enxergar a dinâmica social e como ela se dá nos textos. Dentro da ACD, da sua importância e das diversas possibilidades de pesquisa englobadas por ela, destacar as

seguintes categorias, pois elas serão acionadas nas análises adiante, combinadas com

⁴Matéria 1: Donald Trump assina novo decreto anti-imigração e poupa iraquianos/Isabel Fleck – Washington/ 06/03/2017/ <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/03/1864024-donald-trump-assina-novo-decreto-anti-imigracao-e-poupa-iraquianos.shtml>

⁵Matéria 2: Trump anuncia retirada dos EUA do acordo de Paris sobre o clima/ Isabel Fleck – Washington - 01/06/2017/ <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/06/1889367-trump-anuncia-retirada-dos-eua-do-acordo-de-paris-sobre-o-clima.shtml>

⁶Matéria 3: Senado dos EUA aprova novas sanções contra Rússia, Coreia do Norte e Irã/Isabel Fleck – Washington - 27/07/2017/ <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/07/1904989-senado-dos-eua-aprova-novas-sancoes-contr-a-russia-coreia-do-norte-e-ira.shtml>

⁷Matéria 4: Trump diz que não descarta uma opção militar contra a Venezuela Isabel Fleck – Washington /11/08/201/ <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/08/1909269-trump-diz-que-considera-uma-opcao-militar-contr-a-venezuela.shtml>

⁸Matéria 5: Trump anuncia que está cancelando acordo de Obama com Cuba Patrícia Campos Mello – São Paulo - 16/06/2017/ <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/06/1893469-trump-anuncia-que-esta-cancelando-acordo-de-obama-com-cuba.shtml>

⁹Matéria 6: Donald Trump sugere pôr placas solares para barrar muro com o México De São Paulo – 23/06/2017/ <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/06/1895643-donald-trump-sugere-por-placas-solares-para-bancar-muro-com-mexico.shtml>

¹⁰Matéria 7: Estados Unidos e Rússia projetam ‘nova Guerra Fria’ Ricardo Bonalume Neto – São Paulo - 12/08/2017/ <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/08/1909488-estados-unidos-e-russia-projetam-nova-guerra-fria.shtml>

¹¹Matéria 8: Estados Unidos anunciam que vão deixar a Unesco em dezembro Patrícia Campos Mello – São Paulo - 12/10/2017/ <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/10/1926552-eua-anunciam-que-va-deixar-unesco-em-dezembro.shtml>

¹²Matéria 9: Trump promete armar Japão contra Coreia do Norte Agência de Notícias – AFP - 06/11/2017/ <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/11/1933124-paciencia-com-a-coreia-do-norte-acabou-diz-trump-no-japao.shtml>

¹³Matéria 10: Governo Trump anuncia fim de asilo temporário para haitianos Agência de Notícias - 21/11/2017/ <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/11/1936898-governo-trump-anuncia-fim-de-asilo-temporario-para-haitianos.shtml>

conceitos da Comunicação, com os quais dialogam: (a) Texto: vocabulário e nomeação de atores sociais; (b) Práticas discursivas: seleção de fontes e relação com agência de notícias; (c) Práticas sociais: ênfase em determinados temas e inclinação política.

4.3 Análise de Dados

As notícias de análise foram selecionadas pelos temas abordados, as relações internacionais e políticas do Governo Trump. As matérias de 1 a 4 foram escritas pela correspondente internacional da *Folha de S. Paulo* em Washington, Isabel Fleck. As matérias de 5 a 8 foram escritas diretamente da sede do jornal, em São Paulo. Já as matérias 9 e 10 foram compradas de agências de notícias. As notícias têm caráter informativo, mas com um enquadramento, geralmente, negativo ao presidente dos EUA. O desenvolvimento da seguinte análise baseada nas propostas da ACD é a tentativa de simular a forma como é produzida uma notícia na *Folha*, podendo, ou não, identificar as práticas discursivas e sociais executadas pelo veículo. Agora, será feita uma análise mais detalhada das notícias:

4.3.1 Texto

O vocabulário utilizado nos textos da *Folha* é de fácil entendimento, já que textos para internet devem ter características que sejam compreendidas por vários tipos de públicos. Apesar de todos serem entendíveis, alguns textos são maiores e mais completos, divididos em retrancas explicativas, enquanto outros somente passam a informação básica. Para facilitar o entendimento das matérias, algumas delas apresentam recursos que auxiliam o leitor, como infográficos e vídeos, além de um banco de imagens em todas elas.

Por exemplo, a matéria 1 “Donald Trump assina novo decreto anti-imigração e poupa iraquianos” exibe um mapa que explica como funcionará o novo decreto assinado pelo presidente americano e é dividida em retrancas. A primeira retranca, que vem logo após o texto principal, fala sobre as cautelas que devem ser tomadas para que o novo texto não tenha tantos questionamentos quanto o primeiro, ela vem acompanhada de um infográfico que mostra como era e como ficam as regras. A segunda retranca explica qual o motivo da exclusão do Iraque da nova lista.

A segunda matéria também é um pouco maior e dividida em retrancas. Com o título “Trump anuncia retirada dos EUA do acordo de Paris sobre o clima”, após o texto principal, a primeira retranca mostra as reações à decisão do americano e a segunda é uma retranca explicativa mostrando do que se trata o acordo de Paris.

Na matéria 4 “Trump diz que não descarta uma opção militar contra a Venezuela”, além do texto e das imagens, a matéria apresenta um vídeo da TV Folha – canal de vídeos do

jornal *Folha de S. Paulo* – sobre a crise na Venezuela, e um infográfico mostrando como o Chavismo – nome dado aos apoiadores do ex-presidente da Venezuela, Hugo Chávez - “dominou quase todos os poderes de Estado na Venezuela”.

A matéria de número 5 “Trump anuncia que está cancelando acordo de Obama com Cuba”, tem uma retranca mostrando que apesar do acordo cancelado as embaixadas dos países, em Washington e Havana, continuarão abertas.

Na sexta matéria, “Donald Trump sugere pôr placas solares para barrarmuro com o México”, há um infográfico explicando como era o muro de acordo com a campanha de Donald Trump e como ele seria se seguisse a “nova ideia” do presidente.

Na matéria 8 “Estados Unidos anunciam que vão deixar a Unesco em dezembro”, além do texto principal, o jornal traça uma linha do tempo da relação turbulenta vivida pelas EUA e a Unesco, citando somente os anos em que houver atritos. São citados os anos de 1946, 1984, 2002, 2011, 2016 e 2017.

A representação dos atores sociais, são as escolhas de palavras que fazemos para nos referirmos a alguém. Para as autoras Resende e Ramalho (2006), a representação dos atores sociais pode indicar ideologias contidas no discurso. Por exemplo, a palavra “ditador” sendo usada para falar sobre o líder da Coreia do Norte, Kim Jong-Um, e sobre o presidente venezuelano, Nicolás Maduro, mostra um posicionamento contrário da *Folha* para com ambos. A palavra é usada nas seguintes frases “Trump deixou a porta aberta para um encontro com o ditador Kim Jong-un, mas não imediatamente” (matéria 9) e “nesta quinta-feira (10), o ditador venezuelano, Nicolás Maduro havia dito que pediu ao chanceler venezuelano que ele contatasse Washington ...” (matéria 4).

Van Leeuwen afirma que as representações podem ser includentes ou excludentes. “Tal escolha depende de quem escreve a matéria e qual é o público de destino da notícia. As representações incluem ou excluem atores sociais para servir os seus interesses e propósitos em relação aos leitores a quem se dirigem” (VAN LEEUWEN, 1997, p. 183). A inclusão seria quando um ator social é representado no discurso, por exemplo: ‘Donald Trump assina novo decreto anti-imigração e poupa iraquianos’. Já a exclusão é quando os atores sociais são ocultados no discurso. Na frase ‘Não ficaremos quietos diante da opressão comunista’, não temos um ator determinado.

No discurso, os atores sociais podem ser designados por meio da nomeação e, principalmente, da identificação e da funcionalização. Nas matérias analisadas, a nomeação e a funcionalização são os fatores que mais aparecem. A identificação é quando ocorre a valorização do ator no texto e ele é identificado por seus títulos ou por sobrenomes: ‘O

ministro da Defesa da Venezuela, Vladimir Padrino López’, ‘A secretária interina Duke anunciou’. Já a funcionalização é quando o ator é designado pelo cargo que ocupa: ‘O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump’, ‘A chanceler alemã, Angela Merkel’, ‘diretor de Comunicação da Casa Branca, Anthony Scaramucci’, ‘primeiro-ministro japonês, Shinzo Abe’.

4.3.2 Práticas Discursivas

Em todas as matérias analisadas, é possível notar um padrão, onde podemos observar que as fontes utilizadas são sempre oficiais, como presidentes, ministros, assessoria do governo e chanceler. Apesar de quase sempre dar voz a todos os países ou organizações envolvidas nos conflitos, percebe-se que os que mais podem ser atingidos pelas medidas impostas pelo governo americano, a população, não tem voz nas matérias. Tal fato pode ser observado mesmo em matérias que não são feitas pelos próprios correspondentes internacionais.

Nas matérias analisadas, somente duas notícias são vinculadas a agência de notícias, mostrando que a Folha ainda não é um dos jornais que depende das agências para alimentar sua editoria internacional. Somente em um dos casos o nome da agência é revelado. As organizações se especializaram em enviar os dados e notícias diretamente dos lugares onde elas aconteceram para os mais variados meios de comunicação.

Notícia 1: A primeira matéria analisada é assinada pela correspondente internacional da *Folha de S. Paulo* em Washington, Isabel Fleck, e intitulada: “Donald Trump assina novo decreto anti-imigração e poupa iraquianos”. Na reportagem são usadas cinco fontes e todas elas oficiais. Três delas são secretários americanos, o Secretário de Estado, Rex Tillerson, o de Segurança Doméstica, John Kelly e o de Justiça, Jeff Sessions. Eles foram os responsáveis por defender as novas regras diante dos jornalistas. Para contestar o decreto, a matéria usa a American Civil Liberties Union, que é umas das principais organizações de defesa dos direitos humanos dos Estados Unidos e o diretor do projeto de direitos dos imigrantes, Omar Jadwat.

Notícia 2: Em “Trump anuncia retirada dos EUA do acordo de Paris sobre o clima”, que também é assinada por Fleck, a primeira fonte utilizada é o próprio presidente, parafrazeando o discurso onde ele fez o anúncio. Após isso, a matéria começa a mostrar as reações críticas demonstradas ao redor do mundo, e até no próprio país, sobre a decisão de Trump. Para isso são utilizadas fontes como o atual presidente da França, Emmanuel Macron, a chanceler alemã, Angela Merkel, o secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), António Guterres e o governador do Estado de Nova York, Andrew Cuomo. Além disso são citados trechos de comunicados dos ministérios brasileiros de

Relações Exteriores e do Meio Ambiente e do ex-presidente americano, Barack Obama.

Notícia 3: Na terceira matéria analisada, “Senado dos EUA aprova novas sanções contra Rússia, Coreia do Norte e Irã”, para legitimar seu discurso, Fleck utiliza como fonte somente o diretor de Comunicação da Casa Branca, Anthony Scaramucci. Nenhuma fonte relacionada aos países que seriam atingidos pelas sanções de Donald Trump foi mencionada.

Notícia 4: Na reportagem “Trump diz que não descarta uma opção militar contra a Venezuela”, Fleck, novamente, parafraseia o discurso de Trump contra a Venezuela, o colocando como fonte. Dando voz aos venezuelanos, a correspondente utiliza falas do ministro da Defesa da Venezuela, Vladimir Padrino López, e do “ditador”, Nicolás Maduro, ambos criticando o tom usado pelo presidente americano.

Notícia 5: A matéria “Trump anuncia que está ‘cancelando’ acordo de Obama com Cuba” foi escrita por Patrícia Campos Mello, direto da sede do jornal, em São Paulo. Mello usa o Donald Trump como fonte ao longo de todo o texto, numerando seus motivos e vantagens, segundo ele, para acabar com o acordo entre os dois países. Além disso, também é utilizada uma declaração do governo cubano, através de uma nota do Ministério das Relações Exteriores, denunciando e criticando as ações do presidente americano.

Notícia 6: Sem assinatura de ninguém, sobre a matéria “Donald Trump sugere pôr placas solares para barrar muro com o México”, só é possível saber que ela foi escrita de São Paulo. Voltando o assunto para a principal proposta de campanha de Trump, e também uma das mais polêmicas, a matéria usa como fonte o próprio presidente e partes de um artigo publicado no *Wall Street Journal* escrito por Vasilis Fthenakis, da Universidade Columbia, e Ken Zweibel, da Universidade George Washington.

Notícia 7: O texto “Estados Unidos e Rússia projetam ‘nova Guerra Fria’” é uma análise do histórico entre a Rússia e os EUA desde a época da Guerra Fria. Para basear seu discurso, Ricardo Bonalume Neto, de São Paulo, usa falas antigas e atuais de pessoas especializadas no tema e até de quem teve participação direta na Guerra Fria, como o primeiro-ministro britânico de 1946, Winston Churchill, o historiador e especialista em armamento, Norman Friedman, os analistas Ian Brzezinski e Nicholas Varangi e o Ex-Secretário-geral do Comité Central do Partido Comunista da URSS, Josef Stalin. Apesar de ser apenas uma análise, todas as fontes utilizadas continuaram sendo oficiais.

Notícia 8: Na matéria “Estados Unidos anunciam que vão deixar a Unesco em dezembro” também escrita por Patrícia Campos Mello, são utilizados trechos do comunicado do governo americano, para explicar os motivos que os levaram a deixar a

agência cultural da ONU, a Unesco. Em contrapartida, também são usados como fontes a diretora-geral da Unesco, Irina Bokova, a embaixadora dos EUA na ONU, Nikki Haley e o embaixador israelense na ONU, Danny Danon.

Notícia 9: Dentro das matérias analisadas, “Trump promete armar Japão contra Coreia do Norte” é uma das duas que descendem das agências de notícias. Assinada pela Agence France-Presse (AFP), a matéria aborda a relação turbulenta entre EUA e Coreia do Norte. Na reportagem, são usadas como fontes, trechos da entrevista dada pelo presidente americano em visita ao Japão, em conjunto com o anfitrião e primeiro-ministro japonês, Shinzo Abe.

Notícia 10: A última matéria analisada, “Governo Trump anuncia fim de asilo temporário para haitianos”, também procede das agências de notícias, apesar de não ser especificada de qual delas. Como fontes são utilizadas a secretária interina de Segurança Interior, Elaine Duke e a titular do Departamento de Segurança Interior (DHS), além de um trecho do comunicado na íntegra. Além das duas fontes oficiais, também é citado um artigo publicado no jornal *Miami Herald* escrito pelo senador republicano da Flórida, Marco Rubio, que critica a decisão e pede ao governo federal que renove a permissão de asilo temporário para os haitianos por mais 18 meses.

Segundo Steinberger, citado por Souto (2010), “além do processo de contextualizar e reinterpretar os fatos, as grandes empresas jornalísticas costumam dar preferência a articulistas e comentaristas estrangeiros que assinam textos em grandes jornais e revistas como *The New York Times*, *Newsweek*, etc”. Steinberger acrescenta que os editoriais dos jornais brasileiros acrescentam muito pouco, e que faltam fontes alternativas de informação. Outra característica deste tipo de cobertura é a dependência das fontes oficiais, como assessorias de imprensa de governos e agentes envolvidos nas notícias.

Ao ler os jornais, é possível identificar o reflexo desses discursos institucionais na cobertura do noticiário internacional. No tratamento dos fatos, as matérias refletem essas fontes discursivas institucionalizadas. Há os interesses da política externa dos países envolvidos no fato, que se expressam através dos discursos da diplomacia; há os interesses econômicos, que se expressam através das autoridades governamentais da área; há opiniões supostamente independentes dos “observadores” internacionais; e, na eventualidade de guerra, há avaliações da ordem estratégico-militar (STEINBERGER, 2003, p. 27).

4.3.3 Práticas Sociais

Nas práticas sociais foi possível analisar que o jornal *Folha de S. Paulo* presa por matérias que envolvam alguma polêmica. Na maioria dos casos, polêmicas causadas pelo atual presidente americano, Donald Trump, o que já fica visível em alguns títulos como:

“Donald Trump assina novo decreto anti-imigração e poupa iraquianos” (M.1), “Trump diz que não descarta uma opção militar contra a Venezuela” (M.4), “Trump anuncia que está cancelando acordo de Obama com Cuba” (M.5) e “Trump promete armar Japão contra Coreia do Norte” (M.9).

Constata-se que a mídia, na maioria das vezes, assume uma posição política. Em alguns países como França e Inglaterra, os meios de comunicação assumem, publicamente, quem eles estão apoiando. No Brasil, os veículos tentam esconder o candidato e o partido de apoio. Nas matérias analisadas, não é possível estabelecer se o jornal apoia ou não o presidente americano. Em algumas matérias a *Folha* se mostra contra as decisões tomadas pelo governo de Donald Trump, revelando que Mello (2006) estava correta em seu estudo quando confirmou que a *Folha*, por vezes, tem posicionamento esquerdista. Porém, nas matérias que citam a atual crise entre Estados Unidos e Coreia do Norte, a *Folha* se dirige ao líder coreano como “ditador”, nos levando a entender que apoia Trump e o apoiaria também no caso de uma possível guerra. “Trump deixou a porta aberta para um encontro com o ditador Kim Jong-un, mas não imediatamente” (M.9).

Apesar de dar voz a todos os envolvidos nas matérias, com a análise foi possível notar que a *Folha*, independente de quem seja o autor, utiliza para legitimar seus textos, predominantemente, maioria de fontes ligadas ao governo americano e ao presidente, Donald Trump. Em alguns casos, até o próprio presidente é utilizado como fonte.

Independente do discurso que o veículo pretende passar, os indivíduos decodificam as mensagens influenciados por seus “conhecimentos e pressuposições” (THOMPSON, 1998). Ou seja, a interpretação do discurso pode variar de acordo com a bagagem cultural, a ideologia de quem o lê e do contexto social em que está inserido.

5. Considerações Finais

Considerando o percurso trilhado até aqui e a proposta inicial de pesquisa que foi realizar um estudo de caso do jornalismo internacional praticado pelo Jornal *Folha de S. Paulo*, é possível dizer que o papel da mídia e, no caso do Brasil, da *Folha* tem sido estruturante para a forma de pensar da população brasileira, principalmente no que diz respeito a assuntos políticos. No final, Thompson está certo quando diz que o sujeito social constitui e é constituído pelo discurso.

Com a pesquisa, podemos concluir que a *Folha* busca maneiras de tornar seus textos mais claros. Além de um texto de fácil entendimento, eles utilizam meios que buscam auxiliar na compreensão do que está sendo dito. Ainda durante a análise, pudemos perceber que um dos maiores problemas enfrentados pelos jornalistas é a tradução, que

continua sendo uma barreira entre os profissionais e as fontes. A tradução não precisa ser no sentido literal da palavra, e é claro que os idiomas influenciam nas traduções de uma notícia, mas existe também a tradução cultural. Para Natali (2011), os leitores estão constantemente em contato com várias leituras que tratam do mesmo assunto e são levados a acreditar que alguma delas é a realidade, já que as agências podem utilizar fontes distintas.

Considerando os objetivos iniciais, a pesquisa buscou responder às perguntas presentes nos procedimentos metodológicos por meio do quadro de Fairclough sobre a Análise Crítica do Discurso, buscando entender o discurso do jornal *Folha* e qual a importância do jornalismo internacional nos tempos atuais. Concluímos também que, como maior potência e hegemonia do mundo, os EUA se torna um ponto de equilíbrio entre todos os outros países. Por isso, o jornalismo tem papel importante de abarcar a dinâmica internacional da forma mais balanceada possível.

Para o enriquecimento do trabalho, me foi exigido maior contato com fontes ligadas ao jornalismo internacional o que me permitiu concluir que a área internacional ainda não se consolidou como tema acadêmico. As teorias expostas conseguiram me orientar bem, ainda que eu esperasse conseguir tirar mais detalhes críticos. Essa pesquisa me levou à conclusão de que ainda há muito o que ser pesquisado nesse sentido e, mesmo que eu não vá dar continuidade a esse trabalho, foi muito importante para a criação de uma visão mais complexa do sistema do jornalismo internacional.

6. Referências

- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Editora Atlas, 1995.
- MELLO, Denise de. **“O Papel da Mídia na Cobertura Internacional da Hegemonia Americana”**. Artigo de Conclusão do Curso de especialização em Relações Internacionais da UFPR. Disponível em: <<http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/34910/DENISE%20DE%20MELLO.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 30 abr. 2017.
- NATALI, João Batista. **Jornalismo Internacional**. São Paulo: Editora Contexto, 2004.
- RAMALHO, V e RESENDE, V. **Análise de discurso crítica**. São Paulo. Contexto, 2006
- THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Trad. Wagner Oliveira Brandão. Petrópolis: Vozes, 1998.
- VAN LEEUWEN, Theo. **Representing social action. Discourse & Society**. London, age. vol. 6 (1), 1995. p. 81-106.
- VIANA, Bruno César Brito; LIMA, Maria Érica de Oliveira. “Além das fronteiras: uma breve reflexão sobre a trajetória do Jornalismo Internacional”. **Cultura Midiática: Revista de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba**. Disponível em: <http://www.biblionline.ufpb.br/ojs/index.php/cm/article/view/16198/9271> Acesso em: 05 mai. 2017.
- WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1985.